



A Nova Igreja Matriz não segue o estilo colonial e está sendo criticada pelos que defendem a preservação dos traços históricos de Planaltina

Planaltina, a busca da identidade

O velho e o novo se confundem na cidade que poderá, se quiser, optar por um desenvolvimento que não liquide suas tradições

NELSON PANTOJA

É um mundo de contrastes a procura de sua identidade histórica. Seus 120 anos se confundem com o velho e o novo, nas esquinas, bares e na própria mentalidade de seus habitantes. E não tem nome, quando muito apelido. Planaltina ou Mestre D'Armas, eis a questão. É um mundo de contrastes. Da nova igreja matriz com ar de assembléia de Deus, ao museu de telhas caneladas de índio, asfixiado pela feição materialista dos prédios modernos, que o agridem em sua pretensa concepção niemyeriana.

Já foi Altemir, de 1910 a 1917, na época em que "nós vai", "nós fui", além de outras aberrações, caracterizavam o linguajar de seus membros. Hoje, pelo menos no papel timbrado, é Planaltina. Amanhã, por força de um movimento liderado por intelectuais, pode voltar a Mestre D'Armas, nome "careta" na opinião dos notáveis que infernizam a cidade nos fins de semana. É o barulho contra o silêncio, a máquina contra o homem, o presente esmagando o passado.

Com a fundação de Brasília, o progresso veio de um fôlego só. Apesar dos "pesares", ainda é um lugar onde muitos tiram uma sesta, onde muitos cultivam aquela vidinha besta, mas gostosa, que caracteriza uma cidade do interior. Mas já vai longe as noites de serenatas. Distante também, apenas na memória de alguns, o velho coreto da praça onde, numa data histórica, Juscelino Kubitschek quase quebra a cara por força e obra de um escoreggião. O acontecimento não consta nos livros, mas faz parte do folclore da cidade.

É este folclore, este lirismo, que muitos desejam preservar. Mário Castro, professor de Matemática e historiador, não deixa de ser, portanto, mais um constraste, luta há nove anos para que o nome da cidade volte a ser Mestre D'Armas. E explica que no Departamento de Cultura da Secretaria da Educação do GDF existe um projeto neste sentido, que ainda continua em elaboração. "Eles elaboram, elaboram e nada".

Profundo conhecedor da história do lugar, Castro, considerado por alguns na cidade como uma "estrela que insiste em subir às custas dos outros", se diz honesto em seus propósitos e chega a compreender as críticas. "Eu falo e provo. Não tenho culpa de ser constantemente procurado por jornalistas para falar sobre a história de Mestre D'Armas", explica.

Castro acha Planaltina um nome destituído de qualquer significado histórico. Mestre D'Armas, em sua opinião, reflete o espírito da cidade que nasceu quase por acaso. "Por volta de 1770, instalou-se com sua oficina, à margem da estrada cavaleira, como à margem da estrada real, um ferreiro, provável Januário, Antonio ou Theodoro. Teve a felicidade de escolher um local aprazível, salubre para montagem do seu fole, da sua bigorna, das suas ferramentas. Quem passasse para o Norte, quem viesse do Norte, parava no Mestre D'Armas, para conserto de suas armas. Hábil nas suas obras artesanais e nos consertos de armas, intitulou-se Mestre. Razão pela qual, mais tarde o Sítio recebeu o nome de Mestre D'Armas, explica.

Fatos como este justificam, na opinião do matemático-historiador, plenamente a mudança do nome da cidade. E Castro não arreda pé de seu objetivo. Ano passado, ao lado do escritor Wolnei Mollhomen, fundou o jornal "O Mestre D'Armas", hoje, segundo ele, "totalmente desvirtuado por não se preocupar em mostrar a beleza estética de nossa cidade, como também por apresentar matérias insossas, mescladas de gritantes erros gramaticais". O jornal, hoje, é

dirigido por um grupo de pessoas que estão "do outro lado da estrada".

Planaltina é isso mesmo. Como toda cidade do interior que se preza, tem lá suas fofocas, suas briguinhas particulares. "Este tipo de coisa não me desanima e vou em frente. Pretendo, por exemplo, depois de exaustivas pesquisas, publicar um livro sobre a história de Mestre D'Armas. O material já está todo compilado", diz Castro.

Na luta para preservar a memória do lugar, em 1974 foi fundado o Museu Histórico, que chegou a empolgar a cidade com a ideia. Alguns objetos doados por moradores, inexplicavelmente, desapareceram, provocando uma certa desconfiança entre os habitantes. Hoje, a instituição briga para melhorar sua imagem.

Hilbando Silva, diretor do museu, aponta abertamente a mudança do nome da cidade, acrescentando que

a partir disso "poderíamos transformar Planaltina num núcleo turístico do Distrito Federal, pois condição para isso temos de sobra". E tem mesmo. Há quinze minutos do centro da cidade, por exemplo, está a "Pedra Fundamental da futura Capital Federal dos Estados Unidos do Brasil" lançada em 7 de setembro de 1922, ao meio-dia, "em cumprimento do disposto no decreto de 1922, sendo presidente da República, Epitácio da Silva Pessoa".

O morro onde está a Capela de Nossa Senhora de Fátima, para onde convergem no mês de maio uma "multidão de fiéis", é, sem dúvida, outra atração turística. Mas não é só isso. Em Planaltina um considerável número de moradores se dedica ao artesanato. "Temos tapeçaria, cestaria, tecelagem e cerâmica. Só falta mesmo concretizar a ideia e transformar nossa cidade num núcleo turístico. Esta

ideia, aliás, é genial", frisa Hilbando Silva.

No lugar há também danças populares, sendo a mais famosa a Catira. "É uma manifestação puramente ligada ao cerrado, ao sertão goiano e não pode ser desprezada", argumenta Mário Castro, explicando que urge da parte dos órgãos competentes uma atenção especial para revitalizar o folclore da região.

A população de Planaltina é dividida com relação a mudança do nome. Os mais jovens criticam abertamente a ideia afirmando que esse "negócio de histórico deve ser conservado, mas não pode impedir o progresso de chegar até nós". O prefeito Salviano Borges compartilha desta opinião, embora desde que assumiu o cargo tenha demonstrado uma disposição de apoiar os intelectuais. "Seria um contrassenso ficar contra a ideia de preservar nossos monumentos históricos", explica.

Transformar Planaltina num núcleo turístico a partir da preservação de seus aspectos históricos, não é para Borges uma tarefa fácil. "Concordo com os que criticam as luminárias da cidade, mas admito que é bastante difícil, devido a falta de verbas, fazer estas modificações de uma hora pra outra".

O núcleo tradicional da cidade, na verdade, está bastante desvirtuado. Na praça Salviano Monteiro os pontos de ônibus e as bancas de jornais estão fora do contexto histórico das construções ali existentes. "Eles não se preocupam em preservar nada. Aqui tem casas em estilo colonial que são lindíssimas, mas que são agredidas em sua estética por estas obras concebidas através de uma mentalidade essencialmente desenvolvimentista", opina o universitário Elias Prado Júnior, que na última quinta-feira, juntamente com vários colegas,

passou a tarde procurando os traços históricos da cidade. "Estamos anotando as linhas arquitetônicas das construções mais antigas. Esta tarefa faz parte da matéria introdução à Arquitetura e Urbanismo".

Uma faixa com os dizeres "Planaltina, teus laços históricos ligam o passado ao presente" colocada na avenida Marechal Teodoro, uma das principais artérias da cidade, não reflete, embora pareça à primeira vista, a consciência popular sobre a importância histórica do lugar.

João Coragem, uma figura popular em Planaltina, dono do Bar Snooker Estrela, afirma, por exemplo, que a maioria dos moradores não liga "muito pra isso". O estabelecimento é o lugar de encontros de boêmios e fica localizado estrategicamente na esquina das avenidas Goiás e Marechal Deodoro. "Antigamente, isto aqui era uma

escola paroquial, hoje virou boatequim", afirma sorrindo, inconsciente que está mostrando mais um contraste da cidade.

Os que visitam Planaltina têm logo sua atenção voltada para a construção da nova igreja matriz. Realmente, é difícil definir o estilo arquitetônico do templo, uma mistura, segundo Mário Castro, de vários estilos. "Há, por exemplo, uma torre que lembra muito o estilo colonial. Por outro lado, as arcadas não dizem nada".

Os que defendem a preservação de Planaltina criticam abertamente o estilo arquitetônico da nova igreja, afirmando que o Padre Aleixo Susin não teve a necessária sensibilidade para "fazer uma construção que viesse a valorizar o lado lírico da cidade". João Coragem, entre uma cerveja e outra, defende o religioso, afirmando que "muitos aqui chamam o padre de interesseiro, mas que não fazem pela cidade a metade do que ele já fez. Se todos fossem como ele, isto aqui estaria bastante diferente". E a voz do boatequim a favor do representante de Deus. Mais um contraste, portanto.

Há quem condene, entre os intelectuais, lógico, a influência de Oscar Niemeyer em Planaltina. Mário Castro, como é fácil de se imaginar, é um deles. "Niemeyer, pode parecer um paradoxo, mas enquanto desperta interesse no mundo todo, aqui deve, pelo bem dos traços históricos da cidade, ser ignorado, e aqui não vai nenhuma crítica ao famoso arquiteto", disse.

A Vila Buriú é um caso a parte em Planaltina. Criada para abrigar os candangos que "infestavam e desmoralizavam o espírito da Capital do País reunidos em invasões na Asa Norte, a área segue uma linha arquitetônica baseada nas ideias de Niemeyer. Os prédios seguem um estilo estritamente funcional, contrastando com o resto da cidade. Este, sem dúvida, é o principal contraste, justamente por ser irreversível.

Mário Castro, que pretende futuramente lançar as bases da Escola Meista - a essência de outros estilos -, nas Artes Plásticas, contundente, acha que o povo precisa se conscientizar da importância de Mestre D'Armas. E, diz, surpreendendo, que Planaltina não é o nome da cidade, uma vez que não existe um documento "estabelecendo esta denominação. O povo influenciado pela construção de Brasília, que mudou radicalmente a mentalidade, daqueles que dormiam, por exemplo, a noite toda de janela aberta, passou a dizer, a chamar Planaltina e o nome acabou pegando. Eu tenho documentos e provo que o nome da cidade não é este, pois nem nome ela tem".

MOTIVOS DE SOBRA

O lugar é sertão, mas não é árido em sua maneira de ser. Mudou, vai mudar, mas há ainda qualquer coisa no ar, um sei-lá-o-que exalando tranquilidade. A chave do segredo, para os intelectuais, é a poesia que os traços históricos inspiram em quem a visite. Em outras palavras, o fato de beltrano conhecer fulano, fulano conhecer sicrano e daí por diante. Lirismo Barato? Pelo sim, pelo não, motivos é que não faltam para transformar o lugar num "caso de amor", como disse o jornalista Clóvis Sena. É uma questão de consciência, pois enquanto sobram motivos, falta disposição. Disposição para preservar o passado, como se só o presente fosse importante para o futuro. E isto, infelizmente, não é ficção, mas uma realidade imbecil.



O prefeito Salviano Borges defende a preservação e a difusão do folclore da cidade. E observa o contraste entre a cidade tradicional e as construções modernas

